



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Os cantopoemas dentro do Congado: uma oralitura de identidade e resistência negra

The songpoems within the Congado: an oral literature of black identity and resistance

Camila de Matos Silva

Mestranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/2015.

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Pós Doutor pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, onde atua como professor colaborador no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Professor adjunto da Universidade Federal Rural do Pernambuco – UFRPE.

Resumo:

Este artigo pretende analisar a expressividade dos cantopoemas dentro dos congados, especificamente na guarda de Moçambique em Oliveira, Minas Gerais; dada a importância de se preservar a ancestralidade negra advinda da experiência transatlântica e reconstruir uma identidade afro-brasileira. É (e foi) também através dos cantares e contares do congado que negros e negras conseguiram preservar a ancestralidade com a interação de vivos e mortos, como bem ocorre na cultura africana. Os corpos em movimento nos ritos da Festa do Rosário adquirem movimentos performáticos, pois fazem parte da congada, que são as danças na alvorada, levantamento de mastros, coroação de reis e rainhas, procissão de congos e todos os ritos em relação ao sagrado.

Palavras-chave: Congado. Cantopoemas. Cultura afro-brasileira. Oralitura.

Abstract:

This article intends to analyze the expressivity of the songpoems within the *congados*, specifically in the Mozambique area in Oliveira, Minas Gerais; given the importance of preserving the black ancestry coming from the transatlantic experience and of reconstructing the Afro-Brazilian identity. It is (and was) through the singing and the story telling of the *congado* that the blacks manage to preserve the ancestry with the interaction of the living and the dead, as occurs in the African culture. The bodies in movement in the rituals of the Rosary Festivity take on performance movements since they are part of the *congado*, which are dances at Sunrise, raising of masts, crowning of kings and queens, procession of the *congos* and all the rituals with regard to the sacred.

Keywords: *Congado*. Songpoems. Afro-Brazilian culture. Oral literature.

Irmandades e Congados: uma experiência transatlântica

As Festas de Nossa Senhora do Rosário possuem maior expressão cultural no Centro Oeste e no Sudeste do Brasil, como em alguns estados do Nordeste. Nestas celebrações, inúmeros são os congados, esses diretamente ligados à matriz africana, que incorporam à fé católica ritos e mitos pertencentes à África. A experiência do transatlântico nos deixou grandes legados, alguns ainda,

pouco estudados como as *performances* e a oralitura dos cantopoemas no congado, sendo um fenômeno considerado por alguns estudiosos como catolicismo negro.

Geralmente os congados estão ligados às Irmandades, há registro que desde 1674 já se coroavam reis e rainhas de congo na Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Recife/PE, em Minas Gerais tem-se registro de que 1711 os negros nos festejos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito já elegiam reis, juízes e juízas. Há ainda registro que em Ouro Preto e Serro, ambas cidades em Minas Gerais, já nos anos de 1704 e 1715 existiam registros das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário.

Data-se que no final do século XV na corte portuguesa já acontecia devoção às Irmandades negras ligadas ao reino de Portugal, porém ressaltamos que nem todo congado possui Irmandade e vive-versa. No ciclo do ouro (fins do século XII – início do século XIII) em Minas Gerais a Coroa Portuguesa proibiu a entrada das ordens religiosas, a Igreja então criou as confrarias, desmembrando em irmandades.

No território brasileiro as Irmandades ganharam papel fundamental tanto para a libertação dos negros como para a perpetuação da memória transatlântica, uma vez que em muitos casos os “associados” se reuniam com o intuito de para a unir escravos libertos ou que os possuíam interesse em comprar a carta de alforria. Imposta a fé católica, pelos portugueses, os escravos se viram ligados à Igreja, muitos se simpatizaram com os Santos Católicos, principalmente os santos negros como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia que também são devotados nos reinados/congados o que facilitou, de certa maneira, a junção de ritos, cantares, instrumentos da cultura africana à cultura cristã católica.

O congado se materializa através de rituais híbridos (cultural, social e religioso) de grande importância na preservação da ancestralidade diaspórica, uma vez que os cultos católicos são recriados com elementos, símbolos, signos e mitos da cultura africana. Diversos são os elementos inseridos no culto católico, como os candombes (tambores trazidos pelos escravos), as danças de acordo com os toques dos tambores e a incorporação da religiosidade africana nos cantares do congado, como em alguns casos sincretismo com orixás e “pretos velhos” de umbanda, além de trazer fatos históricos do período colonial e pós-colonial.

Acreditamos que muitos eram os negros que participavam das Irmandades e dos congados não apenas pela simpatia, mas pela impossibilidade de praticarem a fé africana em Portugal e posteriormente no Brasil. Quando os negros atravessaram o atlântico muito se perdeu, principalmente em relação a suas práticas religiosas. Nesse sentido os negros da diáspora precisaram recriar em territórios estrangeiros outros fenômenos religiosos, como é o caso do candomblé, da umbanda e do afro-catolicismo. Para Leda Maria Martins o congado pode ser compreendido como um “apagamento incompleto” da cultura africana em solo brasileiro, o que é conceituado pela autora como “afrografia”.

A África, em toda a sua diversidade, imprime seus arabescos e estilos sobre os apagamentos incompletos resultantes das diásporas, inscrevendo-se palimpsestos que, por inúmeros processos de cognição, asserção e metamorfose, formal e conceitual, transcriam e performam

sua presença nas Américas. As artes e os constructos culturais matizados pelos saberes africanos ostensivamente nos revelam engenhosos e árduos meios de sobrevivência desses vestígios.¹

É (e foi) também através dos cantares e contares do congado que negros e negras conseguiram preservar a ancestralidade com a interação de vivos e mortos, como bem ocorre na cultura africana. Segundo, ainda, Martins a interação e unificação do natural, sobre natural, elementos cósmicos e sociais constitui a *complementaridade necessária*.

A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anelos de uma *complementaridade necessária*, em contínuo processo de transformação e de devir.²

O congado é um ritual performático que envolve muitos integrantes, capitão/capitã, reis, rainhas, príncipes, princesas, dos “dançantes” (como são chamados, em Minas, os que dançam, tocam e cantam) e os festeiros, os quais geralmente ficam responsáveis por organizar cafés, almoços, etc. Além de um corpo litúrgico responsável pelas celebrações das missas e em alguns casos os levantamentos de mastros e procissões, que no caso de Oliveira/MG é composto pelos sacerdotes católicos e os com cargos nas guardas, a exemplo Mãe Pedrina³, capitã da guarda.

Oralidade no congado

O termo oralitura foi proposto pela primeira vez por Ernst Mirville, em 1971, no intuito de abranger os enredos do narra crioulo, história contadas geralmente a noite e que tinha a intenção de contra cultura, pois as narrativas eram sobre a resistência negra e sobre os horrores da escravidão. (SILVA, 2014). Leda Martins, 1997, reelabora o conceito de oralitura onde considera o fazer literário negro no âmbito oral, escrito e performático, nesse sentido nos cabe analisar os cantopoemas do congado à luz da oralitura.

O termo oralitura, da forma como o apresento, não remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significante e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade.⁴

O corpo em movimento nos ritos da Festa do Rosário adquirem movimentos performáticos, pois fazem parte da congada, que são as danças e os cantos na alvorada, levantamento de mastros, coroação de reis e rainhas, procissão de congos e todos os ritos em relação ao sagrado, indicando assim o “traço estilístico inscrito na grafia do corpo em movimento”, como afirma Martins.

Os cantopoemas: ancestralidade, identidade e resistência

¹ MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Org. Gabriela Ravetti e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002. p. 67.

² MARTINS, 2002, p. 73.

³ Mãe Pedrina recebe este título por ser dona de um terreiro afro-católico em Belo Horizonte, onde possui o cargo de mãe de santo.

⁴ MARTINS, 1997.

Dentro dos movimentos performáticos percebemos o resgate intencional à ancestralidade africana (canto, dança, rito, memória e mito). A palavra cantada e contada dentro dos congos adquirem uma “bailadado” expressivo entre corpo e fala. Com isso podemos denominar que os canto poemas estão diretamente ligados à *performance*, e essa, por sua vez, à identidade e preservação do negro(a) advindo(a) da diáspora africana.

Escolhemos os cantopoemas da guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, da Festa de Nossa Senhora do Rosário do município em Oliveira/MG. Há estudos que mostram que a Festa do Rosário de Oliveira possui registros em uma ata de Irmandade desde 1813, o primeiro estatuto é de 1860 com aprovação eclesiástica de Mariana/MG. A festa foi pelo menos duas vezes interrompida, chegando a ser proibida, todavia com muita luta e resistência a Festa acontece até hoje com a guarda também preservada.

Selecionamos alguns cantopoemas, da guarda de Moçambique em Oliveira, que nos ajudam a remontar a história do negro em territórios brasileiros, bem como construir uma identidade afro-católica e afro-brasileira.

1 - No cativeiro nego muito trabalhou,
trabalhava e tocava tambor,
quando ia para senzala fazia oração,
pra nosso senhor.⁵

2 - No tempo do cativeiro quando o sinhó me batia
eu gritava por Nossa Senhora
quando a pancada doía

3 - Ô sinhó abra a porta
que os negô quer entrar
pra ouvir a santa missa
que o sinhó vai celebrar

4 - Que dó, que dó
Jesus Cristo está no céu
amparando estas almas
desses nego sofredô

5 - Olha eu vim lá de Angola
eu vim aqui curimã
eu vim do calunga
eu vim aqui tabucá
No tempo do cativeiro
Vida de nego era só tabucá
tabucava o dia inteiro e
ainda ganhava era chiquirá

⁵ Todos os cantopoemas deste artigo foram cedidos do acervo pessoal de Danielle Kivulangy, uma das integrantes da guarda.

Viva, viva a liberdade
 cativo já acabou,
 mas ainda nos falta igualdade
 de negro para o sinhó
 Cem anos de abolição
 não pude comemorar
 Cadê a libertação que a lei ficou de me dá?
 Zumbi foi um grande chefe
 do quilombo de Palmares
 sua luta não acabou
 ela ecoa pelos ares
 O quilombo dos palmares
 já foi ponto de união
 a união faz a força para
 qualquer libertação.

Percebemos com estes cantopoemas da guarda de Nossa Senhora das Mêrces possui uma identidade muito forte cuja marca principal está no registro dos horrores da escravidão e no resgate da história dos negros, como o herói Zumbi de Palmares. Atuam também como luta contra o racismo, uma vez que os cantopoemas trazem temáticas dos negros, instrumentos utilizados desde o período da escravidão, ritos típicos dos africanos e em alguns casos um sincretismo grande com religiões de matriz africana, possibilitando um “descurtinamento” acerca de alguns mitos e ritos da cultura africana.

A própria capitã da guarda, Dona Pedrina, afirma que as atividades do congado são uma resposta ao racismo que infelizmente persiste na sociedade. “Até hoje, a religião do negro é vista como coisa do demônio, e isso vem lá do período colonial. Se eu acreditar que tudo que vem dos meus antepassados não presta, vou acreditar que eu não presto.”

Nos atentamos para este último cantopoema que nos remete a uma Lei Áurea falha, pois infelizmente não deu aos negros direitos de igualdade e que, ainda hoje, sofrem com as mais diversas formas de desigualdade e discriminação. No entanto, resistem vejamos os versos: “Zumbi foi um grande chefe/ do quilombo de Palmares/ sua luta não acabou/ ela ecoa pelos ares”. Esse cantopoema nos faz recordar o famoso poema manifesto de Conceição Evaristo (1990):

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou
 criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 De uma infância perdida.

A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Fazendo um paralelo com o poema de Evaristo e os cantares do congado de Oliveira percebemos que com o eco não se almeja apenas a liberdade, mas contar (e cantar) uma ancestralidade negra que foi durante séculos ignorada e silenciada. Como mesmo afirma Mãe Pedrina: “Somos a resistência, e isso tem um valor imenso. Atravessamos os períodos colonial, imperial e da república, sempre tendo à frente pessoas de poucos recursos. Se não fosse tão forte, não resistiria”.⁶

Considerações finais

Podemos observar que os cantopoemas são ainda pouco estudados e configuram grandes fontes de história dos negros transatlânticos e afro-brasileiros, e nos redirecionam para estudos cujo foco seja a voz do negro. Ao analisarmos a grafia e os ritos performáticos do congado estamos também reconstruindo a identidade do negro no Brasil, e nos fazendo lançar, inevitavelmente, um olhar sob o continente africano: seus ritos e mitos.

A guarda de Moçambique da cidade de Oliveira é apenas um dos muitos exemplos, em solo brasileiro, a preservar um legado tão rico e tão cheio de informações acerca do nosso passado. Os congados representam não apenas a fé afro-católica, mas também resistência do povo negro.

⁶ PEDRINA, s/d, 2013.

Referências

ESPÍNOLA, Mateus. “Ascendi à casa grande sem perder a noção da senzala”. Disponível em <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/029267.shtml>>. Acesso em 12/10/2016.

Evaristo, Conceição. Cadernos Negros, vol. 13, São Paulo, 1990. In Cadernos Negros, vol. 13, São Paulo, 1990.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Org. Gabriela Ravetti e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002. Pp.14-45.

MARTINS, Leda. Afrografia da Memória: O reinado do rosário de Jatobá. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza, 1997.

REGINALDO, Lucilene. “África em Portugal”: devoções, irmandades e escravidão no Reino de Portugal, século XVIII. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n1/11.pdf>>. Acesso em 12/10/2016.

SILVA, Cidinha. Africanidades e Relações raciais. Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil. Organização Cidinha Silva – Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.



Foto da dona Pedrina, capitã da guarda de Oliveira. Foto tirada de Matheus Espíndola/UFMG, 2013.